



01 a 04 de
OUTUBRO
EVENTO GRATUITO

IV SIELLI

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE
III CONELI - CONGRESSO NACIONAL DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
II SILCE - SEMINÁRIO INTERDISCIPLINAR LINGUAGENS, CULTURAS E EDUCAÇÃO
XXII ENCONTRO DE LETRAS DO CÂMPUS CORA CORALINA

DE ESTADISTA “BEM-VINDO” A PERSONA NON GRATA POR ISRAEL: AVALIAÇÕES SOBRE LULA EM ARTIGOS DE OPINIÃO

FROM “WELCOME” STATESMAN TO PERSONA NOT GRATEFUL FOR ISRAEL: ASSESSMENTS ABOUT LULA IN OPINION ARTICLES

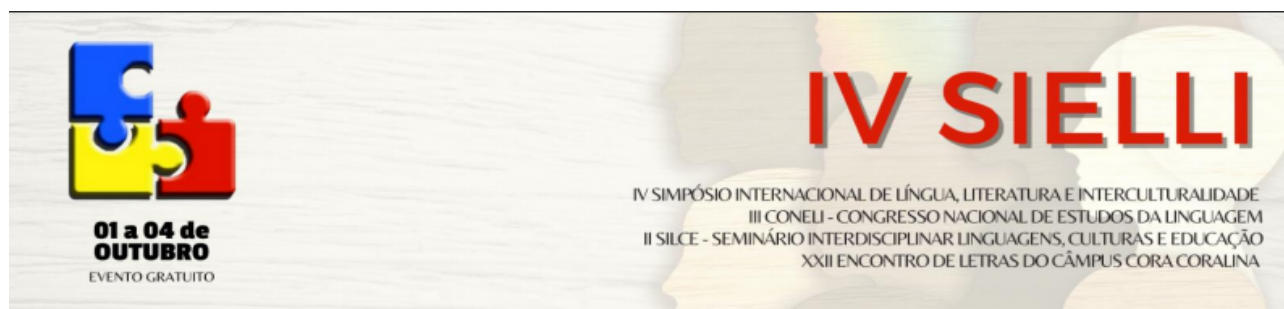
Maria Clara Gonçalves Ramos (UFSM)¹

Sara Regina Scotta Cabral (UFSM)²

Resumo: Diplomacias entre nações independentes se fundamentam em uma arena político-ideológica de (des)semelhanças, visto que, herança sobretudo da Revolução Francesa, a estrutura societal protagoniza um enredo partidarista antagônico: esquerda e direita. Por essa via, este estudo é guiado pela seguinte pergunta de pesquisa: como escolhas léxico-gramaticais revelam marcas avaliativas de articulistas em artigos de opinião? Assim, objetivamos descrever, discutir e analisar como, pelas escolhas léxico-gramaticais, articulistas se posicionam e engajam explícita ou implicitamente com eventos político-partidários. Metodologicamente, por uma pesquisa qualitativo-interpretativista, valemo-nos de 2 artigos de opinião (2024) dos jornais *O Antagonista* e *Veja*, com foco temático na aparente comparação feita por Lula ao associar o conflito na Faixa de Gaza (2024) ao Holocausto judaico, fruto do regime nazista de Adolf Hitler. No quadro teórico-metodológico, filiamo-nos à Linguística Sistêmico-Funcional, entrecortada pela Gramática Sistêmico-Funcional (Halliday; Matthiessen, 2014 [2004]), com ênfase nas influências socioculturais, pelos contextos de cultura e situação. Soma-se a isso o Sistema de Avaliatividade (Martin; White, 2005; Vian Jr, 2010), sobrelevando o subsistema Engajamento, segundo o qual, sociossemioticamente, estabelecemos negociações interpessoais multipropositivas em relação a outras vozes. Justifica-se este trabalho pelas possibilidades interpretativas oportunizadas pela língua(gem) em uso, às quais articulistas, cientes da maleabilidade linguística e do público com o qual tende a interagir, recorrem. Ao cotejarmos o *corpus* selecionado, (re)conhecemos marcas avaliativas assimétricas entre os articulistas, dado que indica como, por representações simbólicas subjacentes ao sistema léxico-gramatical, o funcionamento de intenções comunicativas tem íntima relação com a formação sociocultural do falante.

¹ Mestranda em Estudos Linguísticos, na linha de pesquisa Linguagem no Contexto Social, pela Universidade Federal de Santa Maria/RS, bolsista pela CNPq, especialista em Linguística, pela Universidade de Uberaba/MG (2023-2024) e graduada em Letras Português, pela Universidade Estadual de Montes Claros/MG (2019-2023). Pesquisa o viés da língua (gem) na concretude, subsidiado pela Semiótica Social e Linguística Sistêmico-Funcional, com ênfase na Gramática Sistêmico-Funcional, Gramática do *Design* Visual e Análise de Discurso Crítica.

² Possui Mestrado (2002) e Doutorado em Letras (2007) pela Universidade Federal de Santa Maria. Realizou pós-doutoramento na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a supervisão da Profa. Dra. Leita Barbara, abordando os processos verbais no discurso jornalístico. É líder do Grupo do CNPq SAL (Sistêmica, Ambientes e Linguagens) e faz parte da linha de pesquisa Linguagem no Contexto Social no Programa de Pós-Graduação em Letras na Universidade Federal de Santa Maria. Atualmente é Professor Associado IV na UFSM, onde atua em cursos de graduação e de pós-graduação. Suas pesquisas envolvem Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem com foco em língua portuguesa na perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional.



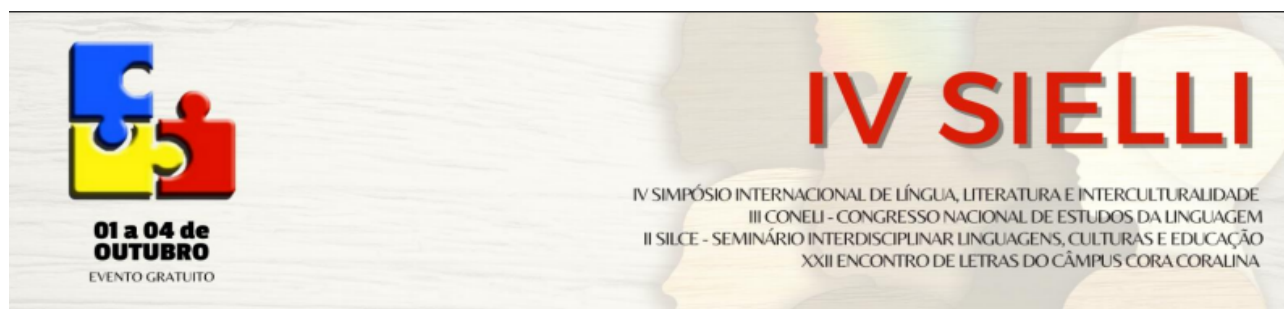
Palavras-chave: Gramática Sistêmico-Funcional. Sistema de Avaliatividade. Conflito israelo-palestino. Lula. Holocausto. Artigo de opinião.

Abstract: Diplomacy between independent nations is based on a political-ideological arena of (dis)similarities, since, mainly inherited from the French Revolution, the societal structure stars an antagonistic partisan plot: left and right. Therefore, this study is guided by the following research question: how do lexico-grammatical choices reveal evaluative marks of columnists in opinion articles? Thus, we aim to describe, discuss, and analyze how, through lexico-grammatical choices, columnists position themselves and explicitly or implicitly engage with political-partisan events. Methodologically, through qualitative-interpretative research, we used 2 opinion articles (2024) from the newspapers O Antagonista and Veja, with a thematic focus on the apparent comparison made by Lula when associating the conflict in the Gaza Strip (2024) with the Jewish Holocaust, the result of Adolf Hitler's Nazi regime. In the theoretical-methodological framework, we are affiliated with Systemic-Functional Linguistics, interspersed with Systemic-Functional Grammar (Halliday; Matthiessen, 2014 [2004]), with an emphasis on sociocultural influences, by the contexts of culture and situation. Added to this is the Evaluative System (Martin; White, 2005; Vian Jr, 2010), highlighting the Engagement subsystem, according to which, socio-semiotically, we establish multi-propositional interpersonal negotiations concerning other voices. This work is justified by the interpretative possibilities provided by the language in use, to which columnists, aware of the linguistic malleability and the audience with which they tend to interact, resort. When comparing the selected corpus, we (re)cognize asymmetrical evaluative marks among the writers, a fact that indicates how, through symbolic representations underlying the lexico-grammatical system, the functioning of communicative intentions has a close relationship with the sociocultural formation of the speaker.

Keywords: Systemic-Functional Grammar. Evaluative System. Israeli-Palestinian conflict. Lula. Holocaust. Opinion article.

INTRODUÇÃO

A confluência entre linguagem e sociedade constitui a configuração sociossemiótica de como desempenhamos papéis sociais ao avaliarmos pessoas, coisas, objetos, situações. Nessa direção, a língua nos oferece artefatos semióticos dos quais podemos nos valer para materializar, linguisticamente, como avaliamos e somos avaliados nas trocas interpessoais, podendo indicar, conforme Vian Jr (2010), em que medida nos envolvemos com o que julgamos. À luz disso, endossamos, com base nos estudos funcionalistas, as estruturas oracionais significadas por contextos de cultura e situação, o que desponta a correlação indissociável entre os níveis léxico-gramatical e semântico-discursivo, segundo Martin e White (2005).



Na esteira sistêmico-funcional, avaliações pela linguagem são (re)construídas porque, ideacionalmente, experienciamos diferentes processos, os quais interferem, em alguma medida, na formação de crenças e acordos arbitrários estabelecidos em sociedade como parâmetro para o que garantiria, de acordo com Holanda (2015), as bases de uma estrutura considerada republicana. Isso nos remete à interpretação de que, devido a categorizações cristalizadas e fomentadas na estrutura societal, escolhas linguísticas são ressemiotizadas.

Na prática, essa plasticidade linguística se estabelece à medida que reconhecemos como avaliações semelhantes, no contexto de discursos políticos, são materializadas, morfossintaticamente, por fraseados nem sempre equivalentes, devido ao público: apoiadores, opositores, indecisos. Essas artimanhas linguístico-discursivas são, portanto, condicionadas à interpessoalidade, visto que, ao compormos um texto, em especial no entorno político-partidário, realizamos predições do público com o qual se estabelece(rá) a comunicação.

Com base em Ortiz (2011), os públicos com quem o representante político interage são diferentes, o que denota a complexidade de como articular, estrategicamente, discursos políticos, doravante DPs. Nem sempre há, portanto, convergências quanto a agendas político-ideológicas entre eles, motivo pelo qual os DPs são ressemiotizados sempre que as relações interpessoais solicitam recategorizações. Numa historicidade milenar separatista, paradoxos são tipicamente endossados no xadrez político-ideológico, em função de interesses nem sempre congruentes.

Dito de outro modo, significa que políticos oficiais acionam escolhas linguísticas que são, na tessitura discursiva, ideologicamente motivadas, com vistas a agir sobre o mundo e as pessoas, a partir de propósitos particulares (Fairclough, 1989). Exemplo disso é a instabilidade entre os governos israelense e brasileiro por ocasião da aparente comparação proferida por Luís Inácio Lula da Silva ao considerar que, ao mesmo tempo em que Israel foi vítima do Holocausto judaico, também é responsável pelos ataques desumanos contra os palestinos na Faixa de Gaza, reiniciados em 2023.

Congregando a paisagem sistêmico-funcional a sutilezas que envolvem o discurso político, guiamo-nos pela seguinte pergunta de pesquisa: como articulistas recorrem a escolhas semântico-discursivas para avaliar comportamentos de autoridades políticas em artigos de opinião?



Por essa interpelação, objetivamos descrever, discutir e analisar marcas avaliativas inscritas de articulistas, no contexto jornalístico, sobre o evento político em questão. Com este estudo, soblevamos a parcialidade de escolhas e combinações léxico-gramaticais na orquestração de significados que tecem, semanticamente, manifestações textuais/discursivas. Assim, sob um respaldo multipropositivo da linguagem, endossamos a prototipicidade signica.

Esta pesquisa se justifica por realçar a aplicabilidade da Linguística Sistêmico-Funcional (Halliday; Matthiessen, 2014 [2004]) na análise de como as interações na e pela linguagem se processam nas práticas cotidianas em diferentes contextos de produção, indicativo das parcialidades que revestem uma película textual/discursiva em contextos específicos de uso. Sob respaldo do Sistema de Avaliatividade (Martin; White, 2005; Vian, Jr, 2010), justifica-se por descortinar o potencial semogênico das relações linguísticas paradigmática e sintagmática na construção semântica dos discursos, responsável por demarcar avaliações que fazemos a todo momento em sociedade, característica típica do ser humano. Nessa medida, este estudo se justifica por buscar fomentar o (re)conhecimento social de meandros discursivos que, quando combinados, demarcam diferentes intencionalidades semânticas, remodeladas pelas influências pragmáticas, em especial, neste trabalho, quanto ao cenário político e também diplomático.

Nesta pesquisa, para análise do Sistema de Avaliatividade (Martin; White, 2005; Vian, Jr, 2010), recorreremos a artigos de opinião, publicados em jornais na modalidade on-line, em 2024, cujo foco temático se centra no embate diplomático entre Brasil e Israel, após a aparente comparação feita pelo presidente Lula. Os veículos de comunicação no qual os textos da área jornalística se assentam são *O Antagonista* e *Veja*, jornais de recorrente consumo social, com interações deflagradas por diferentes correspondências ideológicas. Isso porque os posicionamentos expressos nos artigos de opinião analisados não necessariamente refletem avaliações pessoais e gerais dos jornais, motivo pelo qual a responsabilidade da autoria dos textos recai sobre os articulistas.

A organização deste trabalho, além da introdução, está composta de mais quatro seções. Num primeiro momento, descrevemos o marco teórico das categorias de análise às quais recorreremos, destacando o Sistema de Avaliatividade (Martin; White, 2005; Vian Jr, 2010). Em seguida, demarcamos a metodologia e os procedimentos metodológicos que sustentam esta



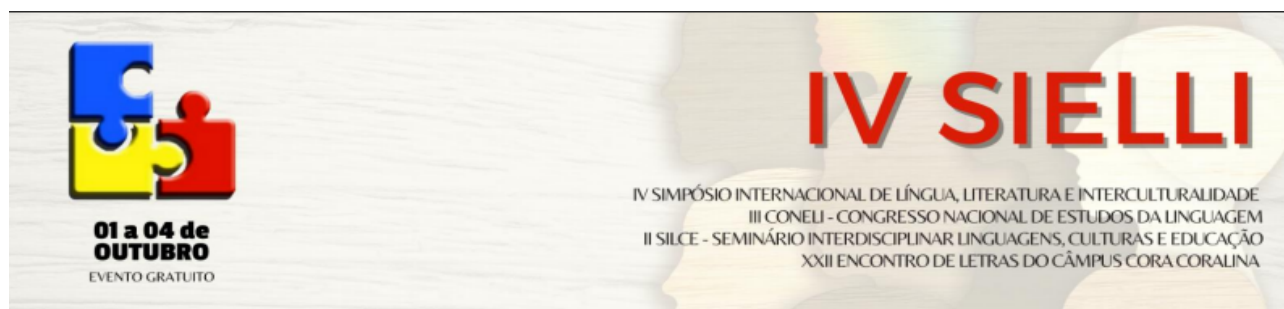
pesquisa. Na terceira seção, analisamos e discutimos o *corpus* selecionado a partir do arcabouço teórico descrito. Por fim, expomos as conclusões a que chegamos.

REVISÃO DE LITERATURA: SISTEMA DE AVALIATIVIDADE

A linguagem nos oportuniza um feixe de opções semióticas para materializarmos, sistemicamente, avaliações semânticas em textos orquestrados de modo a atender propósitos interpessoais. Nessa medida, via Sistema de Avaliatividade (Martin; White, 2005), fruto da metafunção interpessoal *hallidayana*, seleções léxico-gramaticais que elegemos para construir textos caminham, no nível semântico-discursivo, para a expressão de como buscamos nos fazer entender em determinadas situações de registro da língua. Por isso, segundo Vian Jr (2010), há um imbricamento entre os sistemas linguístico e social, correlação que influencia a maneira como, por que e de que lugar avaliamos por meio de textos. Dessa forma, conforme Halliday e Matthiessen (2014), “a linguagem realiza os contextos e os textos são instanciados pelos sistemas”.

Nessa lógica, com base em Martin e White (2005), a avaliatividade está no nível do sistema, quer dizer, um leque de possibilidades de que nos dispomos a partir de escolhas léxico-gramaticais para fazermos avaliações, isto é, o nível do texto instanciado pelo sistema discursivo de Avaliatividade. A escolha do modo e das funções de fala depende das relações de poder que são desempenhadas na interação com o outro. Por isso, é relevante pensarmos como nós desempenhamos papéis sociais para nos relacionarmos com as outras pessoas, o que, para Halliday e Matthiessen (2014), recebe o nome de metafunção interpessoal. Dessa forma, é o contexto de cultura e o de situação que indicam como as pessoas, em diferentes interações, devem se comportar linguisticamente.

Consubstanciada no estrato semântico-discursivo, o Sistema de Avaliatividade analisa avaliações que expressam emoções e sentimentos, julgamentos de comportamentos humanos em sociedade e valores sógnicos às coisas, em níveis múltiplos de comprometimento, foco e força. Na esteira de Martin e White (2005), esse sistema se organiza entre os subsistemas de Atitude, Engajamento e Gradação, os quais categorizam as avaliações que realizamos no texto em diferentes campos semânticos e níveis de envolvimento com o que o item avaliado. Segundo os autores,



marcas avaliativas atitudinais são subdivididas por três possibilidades de sentido: afeto (traços linguísticos que indicam emoções e sentimentos), julgamento (escolhas léxico-gramaticais que revelam como julgamos o comportamento e o caráter das pessoas) e apreciação (recursos semióticos que expressam o valor atribuído às coisas).

Essas avaliações são polarizadas em diferentes níveis de envolvimento, em torno das quais o registro salienta o quanto interagimos com essas valorações, indicando menos ou mais trocas com os itens avaliados. Segundo Vian Jr (2010), no momento em que compartilhamos posicionamentos, também graduamos, léxico-gramaticalmente, comportamentos linguístico-avaliativos. Nessas avaliações, implícita ou explicitamente, escalamos níveis que desnudam a intensidade do que avaliamos nas marcas atitudinais, a partir do subsistema da Gradação, visto que, conforme Martin e Rose (2003) e Martin e White (2005), a léxico-gramática contextualizada sugere, semanticamente, graus valorativos. Por essa razão, normas sociais coercitivas, firmadas na ética, moralidade e bons costumes, estereótipos, convenções e padrões estéticos, por exemplo, são, no e para o senso comum, guias avaliativos, à luz de Martin e White (2005). A partir desses e de outros condicionamentos extralinguísticos, envolvemo-nos, filiando-nos ao dialogismo *bakhtiniano*, com o que é avaliado, denotando em que medida nos aproximamos ou distanciamos do texto, pelos recursos linguísticos dos quais nos valem para avaliar a voz de outrem.

No subsistema de Engajamento, foco analítico desta pesquisa, revelamos como são feitas negociações entre, por exemplo, no contexto dos artigos de opinião, a declaração de Lula, o posicionamento do articulista sobre o comportamento do chanceler brasileiro e os leitores que interagem com o texto. Nessa lógica, os sentidos atribuídos no texto são, em alguma medida, conduzidos por quem escreve, na busca por convidar o leitor a se engajar com o que é avaliado, concordando ou refutando o que é opinado. Há, dessa forma, uma miscelânea de vozes discursivas, entre as quais interdiscursos compartilhados culturalmente na sociedade, o que molda as negociações sógnicas entre os articulistas e os leitores. Essa abstração traduz o caráter multiproposicional da linguagem, ao demarcar como, pela relação léxico-gramatical com o semântico-discursivo, (re)construímos representações e interpessoalidades, pelo modo como o texto se organiza.

Se todo dizer descortina outros dizeres mutuamente compartilhados no contexto de cultura com respaldo em Bakhtin (1981) Martin e White (2005) propõem, comungando do dialogismo *bakhtiniano*, que o engajamento se articula por dois valores dialógicos: ora por expansão, ora por contração. Em linhas gerais, ao recorrer à expansão, o autor do texto oportuniza ao leitor a possibilidade de ele também se posicionar sobre o que é avaliado, podendo concordar, discordar, aceitar, recusar, por exemplo. Diferentemente, havendo o desencorajamento de negociação de sentidos, o que há, nesse momento, é um posicionamento dialógico de contração (Figura 1).

Figura 1: Subsistema de engajamento



Fonte: Traduzido de Martin e White (2005, p. 134).

Pela expansão, o agenciamento de sentidos avaliativos é orquestrado pelas categorias de entretenimento e atribuição, moldando vozes articuladas no texto. Quando o leitor se sente, ao ler o texto, na posição de alguém que esteja em acordo com o produtor do texto, pelas escolhas léxico-gramáticas e como são conduzidas e articuladas ao longo da produção, há entretenimento. Por outro lado, ao identificar que o autor textual recorre a outras vozes para se desvincular, em alguma medida, da responsabilidade do que é avaliado, atribuindo esse posicionamento a uma fonte externa, há atribuição de reconhecimento ou distanciamento. Na atribuição por reconhecimento, o produtor do texto não insere, explicitamente, o próprio posicionamento, lançando mão de outra voz

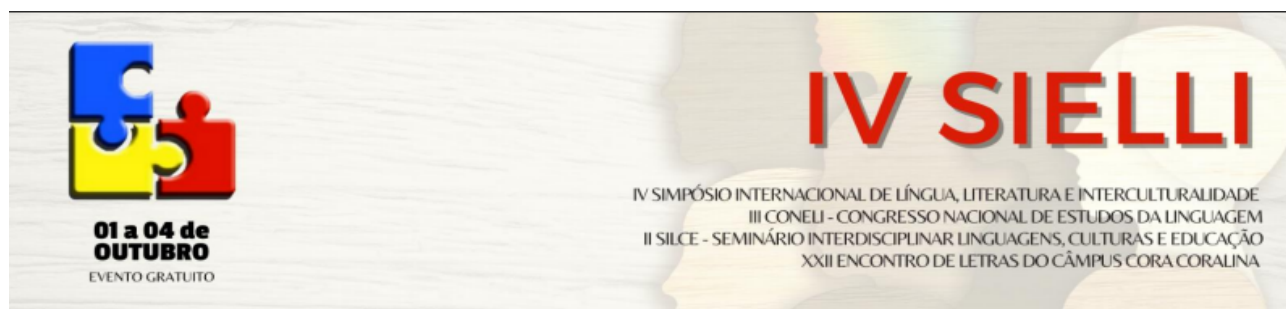


para cumprir, de forma mais evidente, esse papel comprometedor. Já na atribuição por distanciamento o autor textual se afasta explicitamente, desvincilhando-se de quaisquer responsabilidades proposicionais.

Na contramão disso, valendo-se da contração, o produtor textual não possibilita negociações de sentido, com afirmações categóricas que contraem a chance de o leitor se posicionar sobre as proposições textuais, em razão do modo como o avaliador se postou. Para Martin e White (2005), a contração dialógica pode ser materializada, semanticamente, pelos recursos de refutação (o autor demarca elementos linguísticos que indicam negação e contraexpectativa) e ratificação (o autor faz escolhas léxico-gramaticais que expressem confirmação de expectativa, endosso e pronunciamento).

Os recursos para confirmação de expectativa marcam elementos linguísticos que evidenciam uma concordância entre escritores e leitores, numa demonstração profícua de solidariedade. Já o endosso surge no momento em que o autor, para validar e conferir mais credibilidade à proposição dele, recorre a vozes externas validadas socialmente, assumindo a voz de outra pessoa, motivo por que processos verbais são tipicamente comuns nesse recurso avaliativo. O pronunciamento se refere a estratégias linguísticas do autor em tentar direcionar o leitor sobre a maneira como ele também deve avaliar, sugerindo que há, entre eles, uma relação de concordância.

Esses campos semânticos, no Sistema de Avaliatividade, refletem a maneira por meio da qual o falante-escritor quer se posicionar diante do ouvinte-leitor, o que, consoante Martin e White (2005), representa uma relação dialógica heteroglóssica. Assim, todos esses recursos dos quais o escritor do texto dispõe são o que Martin e White (2005), em correspondência com Bakhtin (1981), denominam de heteroglossia. Diferentemente, ainda que o dialogismo pressuponha a interpessoalidade, no nível léxico-gramatical, há a possibilidade de engajamento monoglóssico, em que o autor, de tão categórico que é ao fazer proposições, não favorece ao leitor a possibilidade de questionar, criticar, refutar.



METODOLOGIA

Em visita à Etiópia (2024), o atual presidente brasileiro, Lula, fez pronunciamentos ofensivos aos ataques de Israel na Faixa de Gaza e comparou-os às mazelas do Holocausto nazista da Segunda Guerra Mundial vivenciadas por judeus, entre outras vítimas. Por esse motivo, o estadista brasileiro passou de “bem-vindo” a persona non grata pelo governo israelense, conforme avaliação do ministro das Relações Exteriores, Israel Kaz, sob chefia da gestão de Benjamin Netanyahu. Tal acontecimento gerou inúmeros comentários nos jornais e nas redes sociais de todo o mundo, alguns criticando e outros elogiando a coragem do presidente do Brasil em associar o conflito no Oriente Médio à triste e sofrida história dos judeus.

Nesta pesquisa comparativista, de natureza qualitativo-interpretativista (Silveira; Córdova, 2009; Cervo; Bervian, 2002), valemo-nos de oito excertos de dois artigos de opinião, entre os quais quatro dos articulistas Carlos Graieb (Jornal *O Antagonista*) e quatro de Matheus Leitão (Jornal *Veja*), publicados em 2024 no Brasil, extraídos da plataforma on-line. O foco avaliativo dos textos se concentra na suposta comparação realizada pelo presidente Lula sobre haver, na Faixa de Gaza, um Holocausto provocado pelos israelenses contra árabes e palestinos. Contextualmente, Carlos Graieb é jornalista, além de formado em Direito, ao passo que Matheus Leitão, junto à graduação em jornalismo, especializou-se em áreas investigativas, envolvendo-se com pesquisas estrangeiras. Esses atributos conferem aos dois articulistas certo prestígio social, por serem julgados, positiva ou negativamente, com capacidade para opinar sobre questões diplomáticas, a depender das avaliações realizadas pelos leitores.

Como ilustração de marcas valorativas, os critérios de seleção do *corpus* se fundamentaram na busca por descortinar como, via semântico-discursiva, por textos opinativo-argumentativos, articulistas se posicionam sobre o conflito entre Israel e Palestina. Por se tratar de um tema que afeta e envolve a política global, a escolha do *corpus* se assenta na multiplicidade de sentidos estabelecidos e negociados na sociedade quanto a pautas políticas, em especial num contexto sociocultural de polarizações político-partidárias entre esquerda e direita.

A análise é subsidiada pelo Sistema de Avaliatividade (Martin; White, 2005), fruto da Linguística Sistêmico Funcional (Halliday; Hassan, 1989 [1985]; Halliday, 1985; Halliday;



Matthiessen, 2014[2004]), segundo a qual é indissociável a correlação entre a linguagem e as motivações comunicativas das pessoas nas relações interpessoais, manipulando o modo como experiências são representadas na forma de textos. Neste trabalho, sobrelevamos o subsistema de engajamento, destacando o dialogismo heteroglóssico, pela recorrência quantitativa no *corpus* sob análise, a partir do qual são estabelecidas negociações de sentido entre articulistas e leitores.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Historicamente, no entorno do conflito entre árabes palestinos e judeus israelenses, o embate político-ideológico se concentra, como consequência do domínio de terras, numa busca incessante por autonomia plena na política mundial e difusão de crenças atinentes a ideologias que identificam cada agenda política. De um lado, o Estado de Israel, com ideias ditas conservadoras e firmadas no respaldo sionista de controlar o que, religiosamente, já foi determinado por uma representatividade místico-divina – Jeová, após sofrer as marcas do nazismo alemão na Segunda Guerra Mundial. Do outro lado, está a Palestina, estruturada por cidades antissemitas que buscam pelo reconhecimento mundial como nação independente.

Fica evidente, diante disso, a complexidade sociocultural e político-ideológica no Oriente Médio, o que, mesmo assim, não inibiu o presidente Lula de fazer declarações públicas sobre o novo confronto israelo-palestino (reiniciado em 2023), avaliando-o. Por meio de escolhas semântico-discursiva ideologicamente valorativas, Lula evocou polêmicas e, consequentemente, embates diplomáticos, sobretudo com países apoiadores de Israel, ao associar as ações militares israelenses ao nazismo judaico. Esse comportamento de Lula, no plano partidarista, recrudesce polarizações entre inclinações político-ideológicas consideradas de direita ou esquerda, confirmando o que, para Durkeim (1987), é típico da constituição humana: a dualidade.

No excerto 1, extraído do artigo de opinião alocado no Jornal *O Antagonista* (2024), sob autoria de Carlos Graieb, o articulista, à luz de Martin e White (2005), engaja-se com a polêmica envolvendo o presidente Lula ao se posicionar contrário ao chanceler sul-americano, pela categoria de análise contração refutação contraexpectativa. Isso porque, na expressão “em vez de engolir em seco”, Graieb rejeita a declaração de Lula e as circunstâncias que envolveram as proposições do



estadista, pois, na opinião do articulista, foi jocosa a associação aparentemente feita pelo presidente. O posicionamento avaliativo de Graieb evoca que a aparente comparação coloca Lula numa posição autoritária, ironizando que, nas entrelinhas, o comportamento do republicano é de uma autoridade oficial que se sente acima do Itamaraty, como se verifica no recorte.

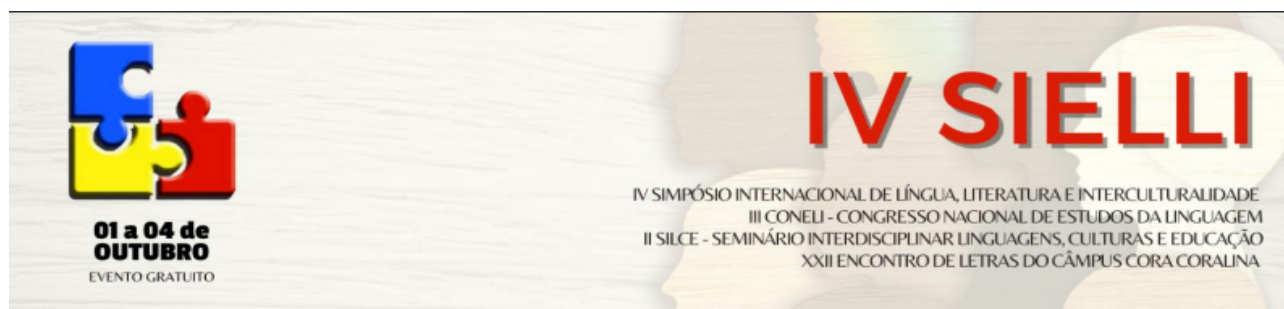
EXCERTO 1. Em vez de engolir em seco, uma vez que lançou a primeira pedra, e buscar preservar a posição diplomática do Brasil, o petista agiu como se fosse o monarca francês Luís XIV (*“o Estado sou eu”*) (Graieb, 2024).

No excerto 2, os críticas do articulista se confirmam, ao afirmar que Lula “insulta” os judeus israelenses ao associar as atrocidades que acontecem na Faixa de Gaza às mesmas perversidades das quais o povo judaico foi vítima na Alemanha nazista de Hitler. Semanticamente, a escolha do processo verbal “insultar”, em termos avaliativos, indica uma contração de ratificação por pronunciamento, pois Graieb compele o leitor a endossar o mesmo posicionamento que ele, ao enfatizar, categoricamente, que não foi uma declaração, mas um insulto.

EXCERTO 2. Lula insultou os israelenses e judeus em todo o mundo ao dizer que a guerra em Gaza só é comparável ao Holocausto nazista (Graieb, 2024).

Por outro lado, o processo verbal “dizer”, diferentemente de “insultar”, atenua o impacto da avaliação de Graieb, sugerindo que não é um posicionamento apenas dele, mas também de judeus e israelenses que, devido à herança histórica, sentem-se desapontados. Há, dessa forma, uma expansão de atribuição por reconhecimento, visto que o articulista se ancora em vozes de pessoas que se identificam mais enfaticamente com a dor das consequências das desumanizações experienciadas na Segunda Guerra Mundial. Para Graieb, a parcialidade político-ideológica de Lula é perceptível em discursos oficiais do presidente, uma vez que, indicando que o estadista brasileiro age por conveniência, ele não contesta nem critica, implícita ou explicitamente, perversidades propaladas por países com os quais estabelece correspondências diplomático-partidárias:

EXCERTO 3. Lula já critica as ditaduras da Rússia, da China, da Venezuela ou da Nicarágua, porque diz que é importante manter os canais de comunicação abertos para poder “promover a paz” (Graieb, 2024).



Nas (entre)linhas, é sabido que, no histórico das gestões de Lula como presidente da República, sob um viés de interesses e agendas políticas, Israel e Brasil mantinham relações diplomáticas, mas sem uma homogeneidade ideológica. A partir de 2018, com o Brasil presidido por Jair Bolsonaro, coligações com o governo israelenses passaram a ser mais efetivas e recorrentes, uma vez que tanto Benjamin Netanyahu quanto Jair Bolsonaro se projetaram com discursos que sobrelevavam a religiosidade judaico-cristã, unidos, no senso comum, por um suposto conservadorismo e nacionalismo. Para avaliar, negativamente, a fala de Lula, o articulista desnuda parcialidades do presidente, quando, de forma categórica, utiliza o modalizador “jamais”, por um engajamento de contração refutação negação.

A escolha léxico-gramatical do processo verbal “criticar” sugere um engajamento de expansão por atribuição distanciamento, porque, nesse momento, é de interesse do articulista se afastar da proposição de que Lula é parcial. Nas entrelinhas, significa dizer que Graieb quer conduzir o leitor ao entendimento de que criticar, no xadrez político-partidário, é natural, mas que, quando não se é ético, justo e honesto, as críticas tendem a ser manipuladas por vínculos entre apoiadores e opositores. Conforme Graieb, essas artimanhas linguístico-retóricas das quais Lula se vale tem relação com os interesses da gestão brasileira em manter contato diplomático com outras nações, o que, com base no articulista, parece ser uma estratégia seletiva movida por polarizações ideológicas. Assim, ao eleger o processo verbal “diz”, Graieb acentua, por um engajamento de expansão atribuição reconhecimento, que o que há é um jogo político nos posicionamentos lulistas.

EXCERTO 4. Não há ingenuidade nisso, mas uma escolha e uma preferência. Lula está enganado se acha que as urnas lhe deram o direito de arrastar o Brasil nesse caminho (Graieb, 2024).

A escolha do Adjunto de polaridade “não”, do nível léxico-gramatical ao semântico-discursivo, denota um engajamento de contração refutação negação, tendo em vista que o articulista, dado o contexto dos exemplos extraídos do artigo de opinião, posiciona-se contra não só à declaração, mas também ao presidente. O marcador de contraexpectativa “mas”, semanticamente, expressa uma contração refutação, pois Graieb, ao criticar o caráter e a ética do republicano, quando



afirma que as manobras políticas do chanceler brasileiro não são ingênuas, suplantando o fraseado anterior com a proposição de que esse comportamento é “uma escolha e uma preferência” de Lula.

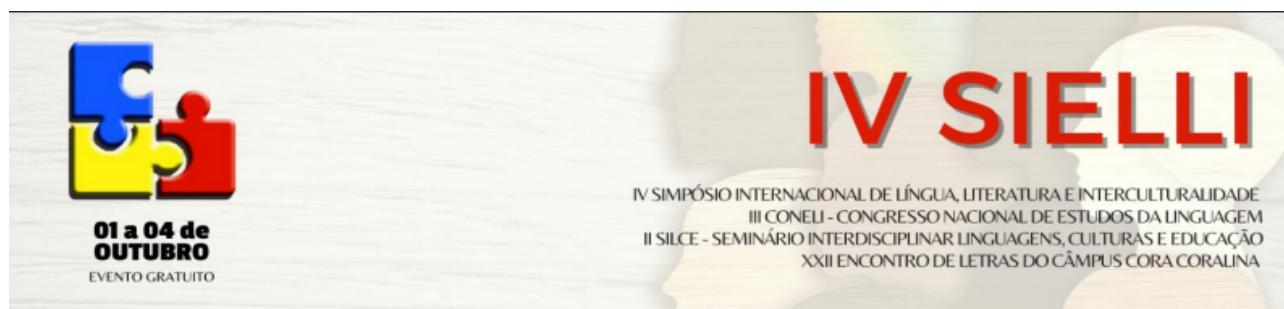
O articulista, ainda, posiciona-se contra o estadista, afirmando que o presidente, embora aja em descompasso com parte do eleitorado no Brasil e se distancie de países opositores, engana-se em achar que a vitória, no processo eleitoral, confere a ele poder irrevogável, estando a expressão “se acha” como ilustração de um engajamento de expansão entretenimento. Esse recurso utilizado por Graieb insinua ao leitor que, caso ele ainda esteja indeciso quanto à repercussão da fala de Lula, deveria refletir a avaliação.

Já o articulista Matheus Leitão, em artigo de opinião publicado no Jornal *Veja* (2024), destaca que um posicionamento menos categórico contra o presidente Lula, ainda que afirme a infelicidade do estadista brasileiro ao se referir ao conflito armado reiniciado, em 2023, na Faixa de Gaza. Diferentemente de Graieb, Leitão recorre a recursos avaliativos que sustentam a posição de um cidadão que reconhece potencialidades e fragilidades na declaração proferida por Lula. Um exemplo é o excerto 5, retirado do Jornal *Veja*.

EXCERTO 5. O presidente Lula está certo em criticar os crimes de guerra perpetrados por Israel em Gaza, mas cometeu um erro histórico ao comparar o Holocausto à reação daquele país na guerra com o Hamas (Leitão, 2024).

De igual modo a Graieb, Leitão se posiciona, pelo uso do processo verbal “criticar”, que o presidente Lula, como estadista que visa à democratização dos Direitos Humanos, deve denunciar e contestar o confronto israelo-palestino. No excerto, o articulista sugere, à luz de um engajamento por contração ratificação pronunciamento, que Israel é o principal agente das vidas ceifadas na Faixa de Gaza, fato que estimula o leitor a corroborar a mesma avaliação. Isso porque há a ênfase dada ao impasse a partir da expressão “crimes de guerra”, indicativo de uma transgressão normativa. No entanto, apesar de se posicionar convalidando Lula, Leitão engaja-se por contração refutação contraexpectativa, uma vez que o marcador coesivo “mas” quebra a expectativa do leitor, por achar que o articulista não criticaria a comparação feita pelo presidente.

Na direção contrária ao articulista do Jornal *O Antagonista*, o articulista do Jornal *Veja* se insere por meio de avaliações que corroboram um posicionamento aparentemente mais aberto a



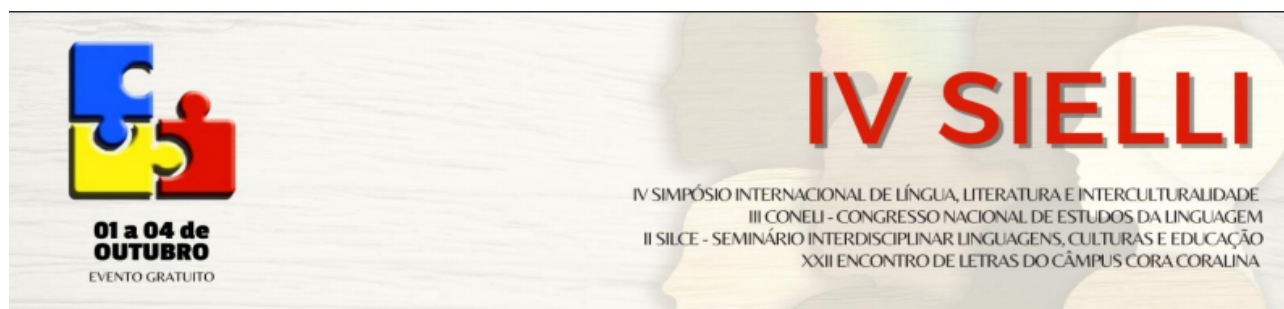
possibilidades interpretativas sobre a fala de Lula: concorda com a denúncia, mas discorda da suposta comparação. Ao cotejarmos os dois artigos de opinião, verificamos que Graieb se posiciona mais explicitamente contra Lula, ao passo que Leitão discorda parcialmente do governante brasileiro. Prova desse posicionamento de Leitão se presentifica no excerto 6.

EXCERTO 6. Na globalização de hoje, se sabe: quem faz declaração que choca o mundo para chamar a atenção, revoltando e gerando engajamento radical, é governante de extrema-direita (Graieb, 2024).

O engajamento por expansão atribuição reconhecimento indica que Leitão busca não se posicionar explicitamente, com escolhas léxico-gramaticais que induzem o leitor à interpretação de que o que ele afirma não é um posicionamento pessoal, mas um fato já acordado socialmente: a extrema direita é polêmica, segundo Graieb. A aceitação ou a rejeição dessa proposição do articulista depende das filiações político-ideológicas que formam leitor, em razão de que, nas entrelinhas, há avaliação de Leitão quanto ao comportamento da oposição típica do presidente Lula. As marcas avaliativas de Leitão seguem, como já supracitado pelos exemplos dos excertos, numa linhagem dual acerca do comportamento do chanceler brasileiro: refuta, mas, ao mesmo tempo, destaca que Israel não é tão vítima quanto busca parecer, o que indica, nas entrelinhas, uma crítica ao nível de polêmica em torno da fala de Lula, conforme destacado pelo excerto 7.

EXCERTO 7. Lula calculou muito mal o que disse (...), ainda que a política do Netanyahu seja altamente condenável (Leitão, 2024).

Em função do contexto de situação, Leitão, assim como Graieb, avaliam que Lula foi infeliz com a declaração, motivo pelo qual Leitão, no excerto 7, afirma que “Lula calculou muito mal o que disse”, em que o processo verbal “disse” salienta um engajamento por expansão atribuição reconhecimento, já que o articulista não se posiciona explicitamente por esse processo, oportunizando ao leitor a chance de considerar que Lula apenas disse ou que, na verdade, insultou, como assevera Graieb no artigo de opinião do Jornal *O Antagonista*. Todavia, ainda que comunguem do mesmo posicionamento em alguma medida, a escolha do conetivo “ainda que” pelo articulista do Jornal *Veja* expressa, uma vez mais, que o governo israelense é, de fato, propulsor de



crimes de guerra, pois a gestão de Netanyahu é “altamente condenável”. Posicionando-se nessa direção, destaca Leitão (2024):

EXCERTO 8. Lula deveria pedir desculpas e continuar condenando os crimes de guerra contra o povo palestino (Leitão, 2024).

Para Leitão, seria prudente um pedido de desculpas pelo presidente Lula, devido à aparente comparação a um evento histórico que dizimou a vida de um contingente expressivo de judeus, ferindo, assim, a dignidade humana e, por conseguinte, a identidade de judeus israelenses. Verificamos, dessa maneira, em “deveria”, há um engajamento por expansão entretenimento, pois é intenção do articulista negociar com o leitor a necessidade de Lula pedir de desculpas, como forma de reconhecimento e, portanto, humildade do republicano quanto à comparação inconveniente. O articulista, nesse sentido, busca convencer quem lê o texto dele de que o presidente, pela necessidade de estabelecer relações diplomáticas com opositores, deveria se desculpar, traço semântico-discursivo identificado pelo fraseado “continuar condenando os crimes de guerra contra o povo palestino”.

Em “continuar condenando”, Leitão se posiciona por contração ratificação pronunciamento, já que o articulista avalia, pejorativamente, as fatalidades provocadas pelos militares israelenses na Faixa de Gaza, rejeitando, assim, o posicionamento de Graieb, que escolhe não mencionar sobre o lado obscuro dos ataques e contra-ataques de Israel. Quando enfatiza as ações organizadas e autorizadas pelo governo de Netanyahu para ferir os árabes e palestinos, sob justificativa de estar respondendo ao terrorismo do Hamas, Leitão solicita, (in)diretamente, que o leitor propague a mesma avaliação que ele na interpretação bidirecional do conflito no Oriente Médio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A conclusão a que chegamos é de que as avaliações atribuídas à suposta comparação feita pelo governante da nação estão intimamente relacionadas às predileções ideológicas que constituem os posicionamentos político-partidários dos articulistas. Em outras palavras, respondendo à pergunta norteadora desta pesquisa, as escolhas linguísticas de que despuseram tanto Graieb quanto



Leitão revelam marcas avaliativas deles sobre o incidente diplomático. Assim, demarcam, implícita ou explicitamente, as formações e as filiações socioculturais e político-partidárias dos dois articulistas, interpretações identificadas pelo leitor na totalidade dos textos em foco.

Nessa lógica, descrevemos, discutimos e analisamos a funcionalidade semântico-discursiva do que subjaz ao nível léxico-gramatical, enfatizando a parcialidade de textos em diferentes contextos de produção. Sob tal ótica, trazendo à lume o corpus sob análise, o articulista do jornal *O Antagonista* se posiciona contrário não só ao aparente cotejo realizado pelo presidente Lula, mas também pelas posições assumidas pelo estadista ao longo das gestões como chefe de Estado. De modo diferente, o articulista do jornal *Veja*, ainda que critique a declaração de Lula devido às condições extralinguísticas de produção em que a fala se orquestrou, apoia o governante brasileiro. Essa interpretação fica evidente quando Leitão ameniza a polêmica em torno da proposição do presidente ao advertir que o governo israelense é responsável pelas fatalidades na Faixa de Gaza, não o isentando de críticas. Ao se posicionar dessa forma, Leitão, na direção contrária do que fez Graieb, avalia que o comportamento de Lula não é incoerente, embora infeliz pelo contexto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. **The dialogic imagination: four essays**. Austin: University of Texas Press, 1981.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

DURKHEIM, E. **Formas elementales de la Vida Religiosa**. Madri: Akal, 1987.

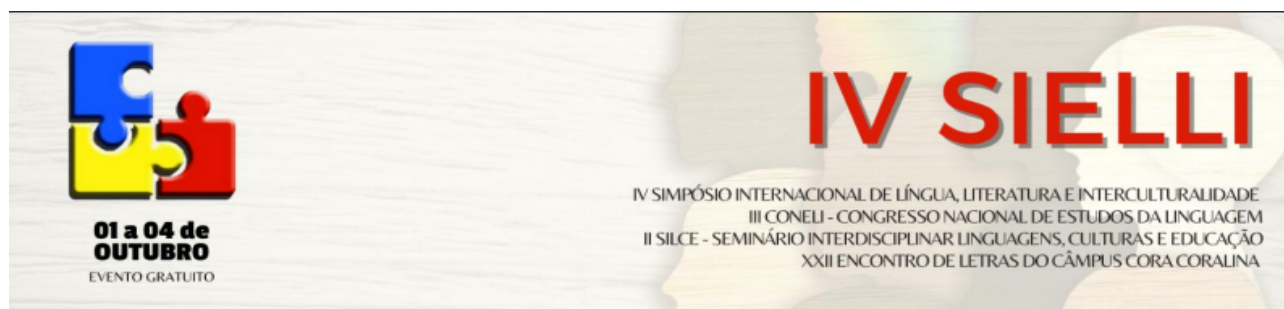
FAIRCLOUGH, N. **Language and power**. New York: Longman, 1989.

GRAIEB, C. **Você não é o Estado, Lula**. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/analise/voce-nao-e-o-estado-lula/>. Acesso em: 4 de nov. de 2024.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. **Language Context and Text: aspects of language in a social-semiotic perspective**. 2th. Oxford: Oxford University Press, 1989.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. London: Edward Arnold, 1985.

HALLIDAY, M.A.K. **Introduction to function grammar**. London: E.A, 2004.



HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **Introduction to functional grammar**. London and New York: Routledge, 4th., 2014.

HOLANDA, S. **Raízes do Brasil**. Companhia das Letras, 2015.

LEITÃO, M. **Por que Lula deveria pedir desculpas**. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/matheus-leitao/por-que-lula-deveria-pedir-desculpas>. Acesso em: 4 de nov. de 2024.

MARTIN, J.R. & ROSE, D. **Working with Discourse**: meaning beyond the clause. New York: Continuum, 2003.

MARTIN, J. R.; WHITE, P. R. R. **The language of evaluation**: appraisal in English. London, Palgrave, 2005.

ORTIZ, C. M. A. **Estrategias Discursivas Utilizadas en los discursos políticos pronunciados por los presidents salvadoreños en el período 1989-2010**. Tesis de maestría en Ciencias Políticas por la Universidad José Simeón Cañas, El Salvador, 2011.

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. **A pesquisa científica**. Métodos de pesquisa. Porto Alegre: Editora: UFRGS 2009

VIAN JR. O. O Sistema de Avaliatividade e a linguagem da avaliação. In: VIAN JR., O; SOUZA, A. A. de; ALMEIDA, F. S. D. P. **A linguagem de avaliação em língua portuguesa**: Estudos sistêmico-funcionais com base no Sistema de Avaliatividade. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.